

Os estudos latinos de Clément Marot

Quando se lê a poesia de Clément Marot (1) nas suas elegias, epístolas, canções ou epigramas e ainda nas suas peças de maior fôlego, cujos títulos em grande parte são já de si evocadores da antiguidade (2), à primeira leitura entra no nosso espírito a suspeita de que o autor dos versos folheou e penetrou certos poetas latinos e por eles se deixou influenciar. À medida que insistimos na leitura das obras poéticas de Marot, compostas entre 1512 e 1544, na época de maior fervor dos estudos latinos em França, a suspeita se converte na certeza de que o autor daquelas obras literárias conheceu, admirou e imitou os melhores poetas líricos da língua latina.

Mais se nota ainda que nas peças de invenção repartidas nos géneros lírico, elegíaco e satírico, Marot seguiu tão de perto modelos latinos, que algumas delas com justo motivo se classificam de paráfrases de poemas clássicos, tão estreita conformidade se mantém entre umas e outras na matéria e na forma. Este poeta francês do Renascimento estreou-se em plena juventude com uma tradução de Virgílio (3) e o seu canto de despe-

(1) Cl. Marot nasceu em Cahors em 1496. Foi aos dez anos para Paris e aí seguiu estudos pouco desenvolvidos. Viveu em algumas cortes da Europa e, por motivo de perseguições religiosas, exilou-se em Ferrara. Em 1532 publicou uma compilação de versos, *Adolescence Clementine*. Morreu em 1544.

(2) *Le temple de Cupido, Jugement de Minos, Les amours de Leandre et Hero, L'amour fugitif*, etc.

(3) Em 1512 Marot, com 17 anos de idade, traduziu em verso a primeira égloga de Virgílio.

dida foi igualmente uma paráfrase de Virgílio (1). Assim, em trinta anos de trabalho literário, Marot não se afastou das sendas que ao começo trilhou, e manifestou ao cabo da jornada os mesmos sentimentos que o comoveram ao levantar âncora.

Esta coincidência, a marcar significativamente os dois extremos da vida literária do escritor francês, induz-nos a concluir que Virgílio foi um dos seus poetas mais lidos e mais amados, — lido em toda a extensão da sua obra e amado nos seus poemas bucólicos.

Outros poetas vieram em seguida no programa das suas leituras e imprimiram sulcos nas epístolas, nos cantos nupciais, nas elegias e nos epigramas: foram eles Ovídio, Catulo e Marcial. Todavia, a claridade de sedução que porventura espalharam nos versos de Marot não empalideceu de forma alguma a lembrança vivaz de Virgílio naquele que acordara para as letras muito cedo, lendo, repetindo e traduzindo Virgílio.

Salientemos, pois, os quatro poetas latinos citados entre os escritores de preferência lidos por Marot, e sem receio de errar nos é permitido conferir na escala da influência o primeiro lugar a Virgílio, o segundo a Ovídio e o último a Marcial e a Catulo.

Cada um deles iluminou certos caminhos da alma do poeta francês, e a leitura mais insistente de um ou de outro deveria corresponder a crises que nela se explicavam e se mitigavam em caudal de simpatia humana. Ao estrear-se nas letras, mal saíra das mãos de regentes, embeveceu-se na leitura e compreensão de Virgílio; depois inclinou-se para os elegiacos, entre os quais preferiu Ovídio; e finalmente a musa cruel de Marcial contentou o seu espírito mal-avindo com os homens e certas autoridades públicas.

Parece-me que só os poetas líricos andaram nas mãos de Marot, se bem que nomes de prosadores latinos sejam frequentes vezes recordados com franca admiração; no entanto, o artista do Renascimento francês, que admira gregos e romanos, todo se

(1) Em 1544 compôs sobre a IV égloga de Virgílio a sua obra *Eglogue sur la naissance du fils de Monseigneur le Dauphin*.

desvanecia na leitura e imitação de bucolistas, elegiacos e satíricos da antiguidade clássica.

Disso é prova o leve assomo de vaidade que o leva a comparar o seu apelido com o de Virgílio neste passo de um poema:

*Quant au surnom, aussi vray qu'Évangile
Il tire à cil du poète Virgile,
Jadis chery de Mecenas à Romme:
Maro s'appelle, et Marot je me nomme (1).*

Com esse passageiro prurido de orgulho, explicável em um fervoroso leitor dos antigos, contrasta, porém, a humildade comovida dos versos em que alude a Ovídio:

*Non que je veuille, Ovide, me vanter
D'avoir mieulx sceu que ta muse chanter,
Trop plus que moy tu as de vehemence
Pour esmouvoir à mercy et clemence (2).*

Clément Marot, ainda muito novo, foi atraído para o estudo dos autores latinos por seu pai, Jean Marot (3), também poeta e assíduo leitor das obras clássicas, embora menos douto que eruditos e escritores coevos, como Molinet, Guillaume Crétin, Jean

(1) No poema *Enfer*, que, tendo sido escrito em 1526, na prisão de *L'Aigle* de Chartres, foi impresso pela primeira vez em 1542 por Estienne Dolet, com dedicatória ao amigo de Marot, Lyon Jamet, datada de Lyon («1^{er} jour de l'an de grace 1542»).

(2) Lê-se este passo na epístola LIV, escrita em 1536, a qual se intitula *Le Dieu gard a la court*.

(3) Jean Marot, natural de Caen, habitou algum tempo em Cahors, entrou ao serviço de Ana de Bretanha em 1506, acompanhou Luís XII à Itália em 1507-1508 e dessas expedições deixou narrativas em verso. Morreu, depois de haver exercido o cargo de *valet de chambre* de Francisco I, em 1526.

d'Auton e Octavien de Saint-Gelais (1). Tão afeiçoado Jean Marot se mostrou sempre ao humanismo como escola de imitação literária, que na sua boca são postas estas palavras expressivas:

*Tu en pourras traduyre les volumes
Jadis escriptz par les divines plumes
Des vieux latins, dont tant est mention* (2).

Por sua vez os protectores de Clément Marot, Nicolas de Neufville (3) e Jean Grisson (4), o impeliram decididamente para o mesmo caminho, porquanto o jovem poeta, ao serviço do primeiro, se afoitou a traduzir a égloga 1 de Virgílio em 1512 (5). Não tardou que o convívio de Jean Lemaire de Belges, historiógrafo e poeta da corte de Ana de Bretanha (6), viesse reforçar os bons conselhos de Grisson e Neufville.

Como a cultura literária era ao tempo a poderosa chave com que se abriam as portas das cortes e a escada que levava às mais altas e rendosas funções públicas, os sábios tradutores e imitadores dos antigos enxameavam nas cortes, nos castelos e nas academias.

Na época de Francisco I eram nomes célebres os de Hugues Salel (7), Amyot, Dolet (8), Lazare de Baïf (9), Jacques Pele-

(1) Bispo de Angoulême, fez traduções em verso de Ovidio e de Virgílio.

(2) *Epistre au roy, pour succeder en l'estat de son père* (1523).

(3) Nicolas de Neufville recebeu o poeta como seu pajem, quando este acabara os primeiros estudos. Foi a seu pedido que, além da tradução de Virgílio, Marot compôs o poema *La queste de ferme amour* e o ofereceu ao rei Francisco I (1514).

(4) Jean Grisson foi procurador e admitiu Marot ao seu serviço como «clerc».

(5) *Chronologie des oeuvres de Clément Marot*, por Lenglet-Dufresnoy.

(6) *V. Jean Lemaire, sa vie et son oeuvre*, de Spaak.

(7) De Hugues Salel, *valet de chambre ordinaire du Roy*, se imprimiram as obras em 1539. A salientar aí, um diálogo entre Júpiter e Cupido, em que se estudam remédios contra os perigos do amor.

(8) *V. Vie d'Estienne Dolet*, por Neé de la Rochelle, e *Estienne Dolet, sa vie, ses oeuvres, son martyre*, por Joseph Boulmier. E. Dolet traduziu em francês as *Tusculanas* e as *Cartas Familiares* de Cícero.

(9) Escreveu em latim obras que se imprimiram em Paris, em 1536.

tier (1), Mellin de Saint-Gelais (2). Marot, presentindo a renovação intelectual que à sua volta se operava e cedendo às instâncias de Jacques Colin (3), entrou de bom grado no movimento. Assim os prudentes conselhos de seu pai, as lições dos retóricos, que ele seguia, e os estímulos de Guillaume Cretin, seu mestre, mergulharam as raízes da sua cultura na inteligência dos poetas latinos e italianos.

Entre 1512 e 1517, Marot passou do bucolista Virgílio a Ovidio, autor das *Heróides* (3), caminhando pela mão dos retóricos que ele mais estimava. O momento exacto dessa evolução é dado na *Epistre de Maguelonne à son amy Pierre de Provence*, escrita em 1517 sob a influência da leitura de Ovidio.

Que esta poesia sobressai no desenvolvimento da cultura latina do autor, claramente o exprime H. Guy neste passo (4):

«Il n'avait qu'un dessein: suivre la mode du jour, imiter à la fois les anciens et, parmi les contemporains, ceux que l'on réputait des maîtres. L'épître dont nous parlons procède — qui ne le voit? — d'Ovide, et c'est dans un recueil d'héroïdes que sa vraie place serait marquée. L'auteur a voulu donner un air antique à cette legende médiévale, et l'a, en conséquence, chargée, encombrée de mythologie. Or l'emploi de «la fable», le goût de l'héroïde caractérisent l'école qui triomphait encore vers 1515.»

Não lhe ficaram, porém, dos primeiros estudos, conhecimentos sólidos da língua latina que lhe permitissem fácil compreensão e adaptação dos que nela escreveram (5). Foi isso

(1) As suas obras poéticas publicaram-se em 1547. A salientar, a sua *Art poétique* (Lyon, 1555).

(2) *Oeuvres de luy tant en composition que translation, ou allusion aux Auteurs Grecs & Latins. A Lyon par P. Tours. MDXLVII.*

(3) Secretário de Francisco I.

(4) Na leitura de Ovidio parece ter-se recreado durante longos anos o espírito do poeta, e nas obras mais lidas por ele incluíam-se as *Metamorfoses* e as *Elegias*.

(5) In *Histoire de la poésie française au XVI^e siècle. Tome II. Clément Marot et son école*, por Henry Guy.

(6) H. Guy, *ob. cit.*, pág. 113, faz reparos à tradução da 1.^a égloga de Virgílio e considera-a trabalho imperfeito.

culpa dos regentes de Paris, aos quais Marot se refere com desabrimiento (1)? Foi antes culpa do estudante cujo espírito rebelde nunca se submeteu a qualquer disciplina social? Estamos em julgar que da sua precária instrução fossem culpados este e aqueles.

A propósito, escreve um dos seus biógrafos:

«Il a souvent déploré ailleurs d'avoir été fort mal instruit, et, par exemple dans son édition des oeuvres de François Villon, on lit, en marge de la strophe émouvante :

*Hé Dieu ! si j'eusse étudié
Au temps de ma jeunesse folle...*

ces trois mots pleins de sens et d'amertume

— Notez, jeunes gens (2).»

Não eram, de facto, os cuidados de bem se instruir que dominavam a consciência do jovem Marot, mas sim o ardente desejo de viver exuberantemente a sua vida no prazer dos sentidos e do espírito, em trepidante folia, em doirada liberdade, como os pássaros no doce ar da Primavera. É o que ele nos diz em confidência numa das suas poesias:

*Sur le printemps de sa jeunesse folle,
Vivre de la vie de l'arondelle qui vole
Puis çà, puis là; l'âge me conduisoit,
Sans paour ne soing, où le cueur me disoit (3).*

(1) ... l'estoyent de grandz bestes
Que les regents du temps jadis.

(2^e épître du coq à l'asne, vers 118-119.)

(2) *Ob. cit.* de H. Guy, pág. 109.

(3) *Eglogue au Roy sous les noms de Pan et Robin* (1539).

Por isso não o considerou Etienne Pasquier um espírito de boas letras, e os seus inimigos, o maior dos quais Sagon (1), o denegriram no seu valor de poeta. Ainda hoje se discute o sentido do juízo cruel que Jean de Boissoné formulou na conhecida frase — *Marotus latine nesciuit*: se alguns a aceitam em toda a sua rigorosa extensão, quanto à escassa cultura humanística que acentua, outros a refutam com os estudos latinos revelados na última fase literária de Marot. Um dos seus amigos particulares, Salomon Macrin, declarou a este respeito: «*s'il eût appris la science des latins, il fut devenu semblable à Virgile*»; e Sainte-Marthe nos informou de que ele não conhecia as línguas grega e latina.

Seria rigorosamente assim?

Bom é esclarecer que Marot estudou por duas vezes latim: a primeira, com os regentes de Paris, sob a pressão paterna, dos dez aos quinze anos; a segunda, com os latinistas italianos e franceses que viviam na corte de Ferrara entre 1534 e 1536. Porque estudou, quando novo, sob a férula, o estudo poucos frutos lhe rendeu e desses anos de trabalho forçado pouco gratas lembranças lhe ficaram (2); mas, porque regressou ao latim mais tarde com entusiasmo aceso entre os humanistas mais doutos, a cultura que adquiriu resplandeceu em chama vivaz.

Até 1527, data em que publicou a poesia *Amour fugitif* (3), o seu culto do latim cresce, fortifica-se, palpita em evolução promissora; desde 1527 Marot esforça-se em transplantar para a sua língua gaulesa as belas flores da antiguidade. Poetas gregos

(1) F. Sagon foi o mais encarniçado detractor de Cl. Marot, e do antagonismo que os separou muitos documentos se nos deparam na obra de um e de outro.

(2) *Jamais je n'entre en paradis
S'ilz ne m'ont perdu ma jeunesse...*

(2^e épître du coq à l'asne.) Alusão amarga aos regentes de Paris.

(3) Versão de uma obra de Luciano, poeta grego. Em outro poema de Marot, sob o mesmo título, a 1.^a parte é paráfrase de versos de Mosco, que Gellius Bernardinus Marmitta vertera em latim.

como Luciano e Mosco (1), latinos como Ovídio e Catulo, a par de italianos como Petrarca (2), ele leu, traduziu e imitou, um pouco por sugestão do rei e dos seus protectores.

Quando em 1530 Antoine de Lorraine foi a Paris assistir às festas deslumbrantes do casamento de Leonor de Áustria, irmã de Carlos v, com Francisco 1, Marot ofereceu-lhe o primeiro livro das *Metamorfoses* de Ovídio, que vertera em francês e de que quatro anos antes havia lido os primeiros versos no palácio de Amboise, na presença do rei (3).

Nas cortes de Francisco 1, de Ana da Bretanha e de Margarida de Navarra respirava-se latinidade. Como não havia, pois, o poeta cortesão de se apurar no latim, para se distinguir e aumentar o número dos seus mecenas? Não era por diferente caminho que se tomava para servir os príncipes:

*Donc pour ce faire, il faudroit que tu prinses
Le droi chemin du service des princes,
Mesmes du Roy, qui cherit et pratique
Par son hault sens ce noble art poétique* (4).

A corte da duquesa de Ferrara, onde o poeta se refugiou em 1534, florescia em primores de cultura, graças à colmeia de sábios, de poetas e de artistas, muitos de origem francesa, que a faziam notada (5). Era presidida por Renata de França, mulher de Hércules d'Este, duque de Ferrara, e irmã de Cláudia, primeira mulher do rei de França. Na duquesa os mais finos dons

(1) Marot provávelmente leu Luciano e Mosco em versões latinas, de que algumas se imprimiram em Veneza nos princípios do séc. xvi.

(2) Traduziu seis sonetos sobre a morte de Laura, um epitáfio e «Visões de Petrarca».

(3) *A Monseigneur de Lorraine luy presentant le premier livre translaté de la metamorphose* (1530).

(4) Na já cit. *Epistre au roy, pour succeder en l'estat de son père*.

(5) Sobre a duquesa de Ferrara leiam-se, além de Brantôme, Fontana, na obra *Renata di Francia, duchessa di Ferrara*, e Emmanuel Rodocnachi, em *Une protectrice de la Réforme en Italie et en France: Renée de France, duchesse de Ferrare*.

de inteligência e de cultura compensavam a pouca esbelteza do corpo, qualificado de monstruoso pelo duque de Urbino. A corte faustuosa, das mais celebradas na Europa, era asilo seguro e carinhoso para os pensadores calvinistas e humanistas suspeitos, e transfigurava-se em academia quando a duquesa convocava para a linda Sala da Aurora do palácio os sábios e filósofos, para ouvir debater teses de teologia ou recitar versos latinos traduzidos ou imitados em francês.

Grande honra fazia à Academia de Renata a presença de poetas neolatinos, como Lillius Gyraldus (1), Thebaldeus (2), Petrus e Iacobus Astioli, de origem italiana; mas o melhor da afeição da princesa de França dirigia-se a escritores franceses que ali se haviam abrigado, no meio dos quais sobressaía Marot (3). Entre uns e outros, perante um escol feminino dado às letras antigas, se falaria das obras de ciência de Célio Calcagnini (4), do libelo contra o papa de Palingénio Stellato (5), das ideias novas espalhadas por Calvino.

Para todos, poetas e eruditos, até para a fina e loira Ana de Parthenay, sabedora de latim, grego, teologia e música, Marot surgia digno da pura glória literária, só por haver traduzido Ovídio e Virgílio. A superior cultura humanística em que se ilustravam as damas francesas refugiadas em Ferrara (6) e que

(1) Imprimiu-se este autor pela primeira vez em Florença, em 1548. V. *Manuel du libraire*, de J. C. Brunet.

(2) Poeta de grande voga no primeiro quartel do séc. xvi. As primeiras impressões dos seus poemas datam de 1490.

(3) Marot havia celebrado em canto nupcial, imitado de um poeta latino, o casamento de Renata de França com o duque de Ferrara (em 1528) e não se esquecera de cantar em verso o 3.º filho da duquesa, em 1535, quando se encontrava refugiado na Itália. Marot teria lugar importante nas amizades da duquesa.

(4) Escreveu o livro *Que le ciel est immobile et que la terre se meut*.

(5) Autor do *Zodiacus uitae*, oferecido a Hércules d'Este. O título completo é: *Zodiacus uitae, id est de hominis uita, studio ac moribus optime instituendis libri XII*. Segundo Prosper Marchand, impresso primeiro em Veneza, por Bernardino Vitali, em 1531.

(6) Michelle de Saubonne, Madame de Soubise, Anne de Parthenay, filha mais velha da anterior, Carlota e Renata de Parthenay, Françoise de Bucyron, Anne de Beauregard.

as impunha à admiração de Lilio Gregório Giraldi, incutia a Marot o desejo de subir pela senda do estudo ao nível desses espíritos doutos. Nem outra coisa transluz dos seguintes versos:

*Ma Muse est bien pour satisfaire habile
Aucuns esprits; mais trop se sent debile
Pour toy, qui as lettres et bon scavoir
Autant ou plus que femme puisse avoir:
Avecques oeil pour veoir subit les fautes
Et discerner choses basses des hautes* (1).

E em outro passo do mesmo poema insiste:

*De te parler de science latine
D'en deviser près de toy ne suis digne.*

Não esquecia, por outro lado, Marot que os golpes de má fortuna o aproximavam misteriosamente de Ovídio e, vencendo a distância no tempo, o mesmo destino se obstinava em os atormentar com infelicidades semelhantes. Ambos tragaram o pão amargo do exílio, ambos sentiram no coração a indiferença cruel dos homens e ambos desabafaram em verso triste a sua escura tristeza de exilados. Não o esquecia o poeta saudoso na corte de Ferrara, nem após o seu retorno à França nesse ano de 1536, quando escrevia estas palavras:

*Si tu me vainc en l'art tant agreable
Je te surmonte en fortune amyable:
Car quand banny aux Gethes tu estois
Ruisseaulx de pleurs sur ton papier jectois,
En escrivant sans espoir de retour* (2).

(1) In *Epistre perdue au jeu contre Madame de Pons*, datada de Ferrara, 1535.

(2) Epistola *Le Dieu gard a la court*, escrita em Lyon, em 1536, no seu regresso da Itália, e na qual o autor agradece ao rei os favores da sua protecção.

Na consciência, pois, de um destino infeliz, que em Ovídio era uma porta cerrada para as suas glórias e prazeres antigos e em Marot cedia vencido pela generosa amizade do rei (1), no vivo desejo de resplandecer nas cortes por onde passasse, ele julgou coisa imprescindível aperfeiçoar o seu latim. Na corte de Ferrara, em volta de Renata de França, encontrou reunidos o seu amigo Lyon Jamet, Jean du Bellay, François Rabelais e, disfarçado sob o nome de Charles d'Epeville, o ardente apóstolo da reforma de Calvino (2).

É certo que nos seus poemas do exílio não se encontram quaisquer referências a latinistas que lhe servissem de mestres; no entanto, depara-se-nos de vez em vez, com insistência mesmo, o poeta de olhos voltados para Roma, para a sua história, a sua literatura. Os nomes de heróis e de escritores da antiguidade acodem, repetem-se e dominam nas composições dessa época (3). Em uma carta para Madame de Soubise (4), uma das suas desveladas protectoras, distingue entre as virtudes que a exornavam o amor da literatura e das artes liberais, e alude de passagem ao saber de Jean Lemaire, seu antigo mestre (5). E nada mais se recolhe a este respeito na leitura dos seus versos, que abundantes pormenores nos oferecem da sua vida em Itália (6).

(1) *Remerciez ce noble roy de France
Roy plus esmeu vers moy de pitié juste
Que ne fut pas envers Ovide Auguste.*

(2) Passou em Ferrara em Março de 1536 (epist. cit.), acompanhado de Louis du Tillet e vindo de Basileia, e retirou-se em Abril ou Maio.

(3) Figuras da mitologia: — Cupido, Palas, Vénus, Saturno, Minerva. Nomes da história: — *les belliqueurs Cesars*.
Escritores: — Virgílio, Ovídio, Cicero.

(4) *A Madame de Soubise, partant de Ferrare pour s'en venir en France.*

(5) *... Jean le Maire Belgeois
Qui l'ame avoit d'Homere le Gregeois.*

(6) Refere-se a Saint-Gelais, com louvor, no poema escrito em 1535 sob o título *A ceulx qui après l'epigramme du beau tetin en feirent d'autres.*

Até meados de 1536 Marot conservou-se na corte de Ferrara, onde aproveitou o tempo para escrever grande parte do melhor da sua poesia e repetir a leitura dos poetas latinos que mais o seduziam. A quarta égloga de Virgílio estaria presente na sua memória quando em 1535, para lisonjear a duquesa, compôs uma poesia de saudação, designada *Avant naissance du troisième enfant de Madame Renée duchesse de Ferrare* (1).

Na Primavera de 1536 produziram-se na corte italiana acontecimentos desagradáveis para os franceses ali refugiados e suspeitos de calvinistas, acontecimentos que coincidiram com a passagem de J. Calvino; e, porque a duquesa não pôde obstar a desmandos e gestos de vingança, Marot, vítima das perseguições desencadeadas, retirou-se em Junho para Veneza, na companhia de Georges d'Armagnac, embaixador francês. Demorou seis meses na famosa cidade italiana e daqui raras poesias são datadas (2). A *Epistre envoyée de Venise a madame la duchesse de Ferrara* faz-nos saber que o seu autor não amou nem admirou a tão celebrada cidade, e muito menos os seus habitantes, que viviam ao sabor de loucas fantasias, como se não fossem dotados de alma.

Veneza era, porém, a esse tempo, centro notável de latinidade. Ali se imprimiam desde fins do século xv as obras mais estimadas dos Gregos e Latinos, e dali saíam para a Europa os livros dos melhores escritores do Renascimento. O engenho humano encontrava por ali quem divulgasse todos os seus ricos tesouros. Em excelentes edições saíam das oficinas de Veneza poetas gregos e latinos, versões latinas de autores gregos, estudos científicos e literários que corriam o mundo.

Alta fama conquistaram os impressores venezianos, como João de Rusconi, Octávio Scoto, Bernardino Vital e Aldo Manúcio (*aedes Aldi*); e bem a devia conhecer Marot, porquanto humanistas frequentadores da corte de Ferrara do seu

(1) Na corte de Ferrara, nasceu em 16 de Dezembro de 1535 Lucrecia d'Este, que veio a casar com o duque de Urbino.

(2) Além da epístola dirigida à duquesa de Ferrara, há uma datada de 31 de Julho e outra para Lyon Jamet, sem data. É o que se lê na *Chronologie des oeuvres de Clément Marot*, por Lenglet-Dufresnoy.

tempo tinham relações com esses impressores e liam obras saídas das oficinas deles.

Aquele que nos mais evidentes centros da Europa assinalara a sua presença e ali assistira a manifestações intelectuais sem par, não encontrou em Veneza surpresas que lhe matassem a saudade dessas coisas; e na vida medíocre a que teve de sujeitar-se não cabia o poeta oficial de Francisco I, o confidente de Margarida de Navarra e o panegirista dos grandes homens do seu país. Sem o convívio dos teólogos de Ferrara, que lhe falavam à inteligência em linguagem elevada, longe dos encantadores serões de França, em que belas tangedoras de cravo e de alaúde se sucediam a grupos de recitadoras e dansarinas (1), privado da conversa de amigos e admiradores, o pobre poeta sofreu então as maiores agruras do exílio em cidade antiga e pagã, que o não entendia e que ele detestava.

A solidão em que o seu espírito inadaptado se sentia morrer, como luz metida em poço escuro, reconduziu-o para as mais simples distrações intelectuais que a leitura nos reserva. Marot, perdido, pois, num centro de latinidade, voltou aos seus poetas latinos. As circunstâncias dolorosas da sua vida dispunham a sua sensibilidade a comover-se na leitura das elegias de Ovídio e de certas églogas de Virgílio. Seria nestas leituras que ele haveria insistido? É provável que Ovídio tomasse grande lugar neste programa de repetição latina, mas não deixou o poeta exilado de citar Virgílio em *Quatrième epistre du coq a l'asne a Lyon Jamet* (1536 — escrita de Veneza). Porque na *Chronologie* de Lenglet-Dufresnoy, já citada, os epigramas traduzidos de Marcial não vêm datados, difícil se torna marcar a data em que este poeta latino andou nas mãos de Marot.

Durante a permanência na Itália, a amizade mais persistente de que se encontram muitas lembranças na obra literária de Marot é a de Lyon Jamet, a quem se queixa, em certo momento,

(1) Encantadores serões os que se organizavam nas cortes de Ana de Bretanha e de Margarida de Navarra, frequentados por artistas e sábios. Marot participou em muitas dessas veladas poéticas.

V., de Abel Lefranc, *La vie quotidienne au temps de la Renaissance*.

da ingrata indiferença dos homens perante as suas infelicidades, multiplicadas desde que abandonou a pátria. Lyon Jamet contribuiu porventura para o regresso do seu fiel amigo aos livros latinos? É provável, mas, com base em documentos, nada se pode afirmar com segurança.

Na ordem cronológica dos autores que Marot traduziu, aparece em primeiro lugar Virgílio, a que se segue Catulo; e vêm por fim Ovídio e Marcial. Em 1512, segundo Lenglet-Dufresnoy, ou em 1513, segundo Henry Guy (1), traduziu a primeira écloga de Virgílio e foi esse o seu primeiro ensaio literário. Em 1528 adaptou o *Carmen nuptiale* xli de Catulo no poema intitulado *Chant nuptial du mariage de Madame Renée fille de France avec le Duc de Ferrara*. Dois anos volvidos (1530), concluiu, para agradar ao rei, a tradução dos dois primeiros livros das *Metamorfoses* de Ovídio, em cuja dedicatória se lê este passo:

«Lors je consideray que à l'ince de hault esprit haultes choses affierent, et tant ne me fiay en mes propres inventions, que pour vous trop basses ne les sentisse. Parquoy, les laissant reposer, jectay l'oeil sur les livres latins, dont la gravité des sentences et le plaisir de la lecture (si peu que j'y comprins) (2) m'ont esprins mes esprits, mené ma main et amusé ma Muse. Que dy je amusée! mais incitée à renouveler, pour vous en faire offre, l'une des plus latines antiquitez et des plus antiques latinitez. Entre lesquelles celle de la *Metamorphose d'Ovide* me sembla la plus belle, tant pour la grande douceur du stile que pour le grand nombre de propos tombans de l'un en l'autre, par liaisons si artificielles qu'il semble que tout ne soit qu'un (3).»

Já o seu antigo mestre Jean Lemaire de Belges imitara na poesia *Epistre de l'amant vert* Estácio e Ovídio, e por seu turno, em versos escritos em 1515 (4), Marot citara pela primeira vez

(1) *Ob. cit.*, pág. 113.

(2) Nesta época não se julgava ainda um latinista feito, mas não escondia o seu prazer de ler os poetas latinos.

(3) *Marot au Roy touchant la Metamorphose* (dedicatória).

(4) *Le temple de Cupido*, dedicado a «Messire Nicolas de Neufville, chevalier, seigneur de Villeroy».

o nome de Ovídio no meio de inúmeras alusões à história e literatura greco-latinas, acentuando que o poeta latino entrava no programa das leituras mais em voga:

*Ovidius, maistre Alain charretier
Petrarque, aussi le Roman de la Rose
Sont les messelz, breviaire et psaultier
Qu'en ce saint temple on lit, en rithme et prose.*

Quatro anos demorou a leitura atenta e a versão dos dois livros de Ovídio, e, ao oferecer a obra ao rei, recordou-se o tradutor da sua prisão em 1527, dos graves cuidados que lhe causou a sucessão no lugar desempenhado por seu pai e das provas de estima que numa e noutra conjuntura Francisco I lhe testemunhara.

Se nos confiarmos à opinião de Plattard, formulada no livro *La Renaissance des Lettres en France*, hemos de fixar as traduções e leituras das sátiras de Marcial na época em que se conservou em Ferrara e em Veneza (1). Em 1544, pouco antes da sua morte, o poeta tradutor dos latinos voltou às *Bucólicas* de Virgílio e parafraseou uma delas na *Eglogue sur la naissance du fils de Monseigneur le Dauphin*.

Desta forma o quadro cronológico das versões latinas (2), ao qual convirá acrescentar dois colóquios de Erasmo (3), alguma luz projecta sobre o desenvolvimento dos estudos latinos em Marot e deixa-nos supor que este se repartiu em três fases:

- a da iniciação,
- a da fixação,
- a do aperfeiçoamento.

(1) «L'exil à Ferrare, puis à Venise, fut très favorable à ses études... En fait ses emprunts aux écrivains latins deviennent désormais plus précis et plus étendus. Il traduit en particulier les épigrammes de Martial avec méthode et les imite avec habileté.» (Pág. 89.)

(2) *Tableau chronologique des publications de Marot*, por M. P. Villey. Paris, Champion, 1921.

(3) Os colóquios designados *Abbatis et eruditae* e *Virgo* Μισθραμει.

A primeira fase correspondem na bibliografia do poeta a tradução da primeira écloga de Virgílio e provavelmente a de um texto de Luciano, empreendida sobre uma versão latina (1). O tradutor, apenas simples aprendiz de latim e conhecendo muito superficialmente o poeta mantuano, afoitou-se a um trabalho de responsabilidade, que lhe exigiu decerto prolongada leitura. À segunda fase, passada na corte de Francisco I, pertence a tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, experimentada em época em que o culto dos autores antigos gregos e latinos dominava o espírito de Marot, como se depreende claramente das palavras com que abre essa tradução: as leituras de Ovídio e de Catulo fixam uma directiva permanente. É ainda nesta fase definitiva nos estudos de Marot que, segundo nos informa ele mesmo, folheia e entende as obras de Paulo Orósio e de Valério Máximo e penetra por este meio importantes recantos da história romana.

Eis o passo de uma elegia em que tal coisa se afirma:

*Certainement, dame très honorée,
J'ay leu des saintz la Legende dorée,
J'ay leu Alain, le très noble orateur,
Et Lancelot, le très plaisant menteur;
J'ay leu aussi le Romant de la Rose,
Maistre en amours, et Valere et Orose,
Comptant les faicts des antiques Rommains* (2).

Foram Orósio e Valério Máximo dois historiadores de segundo plano: o primeiro, natural de Tarragona e contemporâneo de Santo Agostinho, em cujo convívio muito se instruiu e a conselho de quem decidiu compor a sua história em sete

(1) Em 1503 e 1522, em Veneza, se deram à estampa versões latinas dos *Diálogos* de Luciano (*in aedibus Aldi*), a segunda das quais acompanhada de um prefácio de Fr. Asulano. Seria nestas edições venezianas que Marot conheceu e traduziu Luciano.

(2) Elegia dirigida a Anne d'Alençon em 1527.

livros, desde o começo do mundo até ao ano 316 de J. C.; o segundo, companheiro de Pompeio na guerra e biógrafo dos varões ilustres de Roma (1).

Orósio contou os feitos dos antigos Romanos na obra que tem este título:

«Historiarum adversus paganos libri VII.»

Na 1.^a edição, de 1471, lê-se mais: *«Finiunt feliciter. Per Iohannē Schuszler florentissime urbis Auguste concivē impressi. Anno... M.º q̄dringētesimo et septuagesimo p'ºmo.»*

Uma segunda edição se imprimiu em Colónia cerca de 1475, nas oficinas de Hermano Levilapis (2), e três edições se estamparam em Veneza entre 1483 e 1500. É de presumir que Marot seguisse a leitura de Orósio em uma das edições venezianas feitas por Octávio Scoto, por Pensis e Bernardino Vital, ou em alguma das versões francesas dos princípios do século XVI.

Valério Máximo reproduziu os grandes feitos e palavras dos heróis nacionais em livro que se intitula:

«Valerii Maximi factorū et dictorum memorabilium, ad Tiberiū Cesarem, primus incipit feliciter (libri IX).»

A 1.^a edição é de 1469. Figura com outro título a edição de 1478:

«Valerii Maximi romane urbis juris peritissimi, in librū

(1) In *Nouveau Dictionnaire Historique de J. L. M. Chaudon et F. A. Delandine* (A Lyon, 1806, chez Bruyset Ainé et Buynand) e *Dictionnaire Historique ou Histoire abrégée des hommes qui se sont fait un nom par le génie, les talents, les vertus, les erreurs, etc., par l'abbé F. X. de Feller*. Sec. edit. A Liège Imprim. de Fr. Lemarie libr. An 5. 1797.

(2) *Historiarum libri VII, per Aeneam Vulpem castigati. (Vicentiae, per Hermanum Levilapidem de Colonia, circa 1475) Edition sans chiffres, récl ni signat. imprimée en caractères romains; elle ne porte pas de date, mais on sait qu'Herman Levilapis (Lichtenstein) a exercé de 1475 à 1480. (In Manuel du libraire, de J. C. Brunet.)*

A mais antiga versão em francês da obra de Paulo Orósio é de 1491, impressa em Paris por Anthoine Verard.

factorum et dictorum memorabiliū ad Tiberiū Cesarem prefatio incipit. — In nobili urbe Mogūtina Rheni, terminatū anno MCCCCLXXI xvij Kalēdis iulij per... Petrum Schoyffer de Gernsshem (1).»

Incluem-se na última fase — a do exílio na Itália e do resto da sua vida — as leituras e versões dos epigramas de Marcial (2) e da quarta bucólica de Virgílio. É a fase do aperfeiçoamento nos seus estudos latinos, na qual percorreu de novo Marot os seus autores predilectos, no propósito manifesto de os imitar ou parafrasear.

Em quantos versos não encontramos reminiscências dos seus poetas, daqueles que em todo o tempo da sua vida mais leu! Assim, a primeira estância do *Chant pastoral à Monseigneur le Cardinal de Lorraine qui ne pouvoit ouyr nouvelles de son joueur de fluste* vem tão impregnada das imagens das *Bucólicas*, que parece haver sido escrita depois de uma leitura de Virgílio (3). Em um breve poema de três estrofes, *Rondeau duquel les lettres capitales portent le nom de l'auteur* (4), evoca-se a fatal paixão de Dido por Eneias, que enche uma parte da *Eneida*.

Como perfeito modelo de oratória profana e nobre espírito romano aponta-nos Marot entré os antigos o grande e eloquente

(1) *Manuel du libraire*, de J. C. Brunet.

(2) Marot imitou vinte e nove epigramas de Marcial: do livro I, ep. XX, XXXIII, XXXIV, LXV, LXXVI, XCVII, XCIX, CX; do livro II, ep. LXVII; do livro III, ep. XXVI, LXIX; do livro V, ep. XIII, XX, XXIX, XLVII, LVIII, LX, LXXXI; do livro VI, ep. XV, XXXI, XL; do livro VII, ep. XIV; do livro IX, ep. LXXXIII; do livro X, ep. VIII e XLVII; do livro XII, ep. LXV.

(3) ... *Et ont donné, sur un des montz d'Arcade
Au mieulx disant de la fluste une aulbade,
La fluste d'or, neuf pertuis contenant.
Tytre y court, Mopsus s'y va trainant,
Et Coridon a le chemin apris;*

(4) *Comme Dido qui moult se courroça
Lorsqu'Eneas seule la délaissa
En son pays...*

Cícero (1); e como mestre acabado na poesia épica o seu predilecto Virgílio (2). Ao procurar um escritor de altos dons que sirva de medida para a fama de Guillaume de Loris (3), logo o nome do poeta latino Énio (4) lhe acode à mente. Ao incitar os filhos de Florimond Robertet a que perpetuem a memória do pai, honra da França, muito de propósito realça a cultura latina daquele e convida-os a que escrevam em latim «*quelque oeuvre compassez qui après mort vostre père collaude*» (5).

Clément Marot, encontrando-se ao alvorecer da sua vida no irradiante esplendor do humanismo e errando de corte em corte, onde a nova chama aquecia todos os espíritos, arrependeu-se de haver sido mau estudante de latim e em vinte anos o foi estudando melhor nos poetas que melhor o escreveram. O momento culminante desses estudos é anunciado ao rei Francisco I em carta que de Itália lhe dirigiu. Sem dúvida os conhecimentos de latim aumentaram muito em Marot durante o seu exílio junto da duquesa de Ferrara, e os últimos e grandes passos que em senda tão frequentada naqueles tempos ele marcou produziram bons frutos na sua vasta obra literária.

Não foi um humanista em toda a extensão e profundidade do termo, mas, por inspiração dos ambientes em que viveu, por influxo penetrante da moda a que sempre se rendeu, Marot fez bem o seu papel de mensageiro do humanismo, tocando fielmente a corda da imitação e da tradução dos autores latinos e aclimando em França tipos de poesia lírica e satírica consagrados

(1) *Epistre à M. Pellisson President de Savoye*.

(2) *Epistre envoyée par Cl. Marot à Monsieur d'Anguyen lieutenant pour le Roy par delà les monts*.

(3) Autor do *Roman da la Rose*.

(4) *Et par sus tout, cretin, je te supplie
De me monstrier en ces beaulx champs floris
Nostre Ennius, Guillaume de Loris.*

Complainte de Monsieur le General Guillaume Preud'homme.

(5) *Deploration de Messire Florimond Robertet.*

na Roma antiga. Assim o entende Etienne Pasquier, quando se lhe refere neste passo da sua obra:

«*Encores qu'il ne fust accompagné de bonnes lettres, ainsi que ceux qui vindrent après luy, si n'en estoit-il si desgarny qu'il ne les mist souvent en oeuvre fort à propos* (1).»

Leiam-se, portanto, com a necessária reserva os juízos críticos que os inovadores da «Brigade» (2) formularam contra aquele que a corte designara «le gentil poète», acusando-o de velho escritor medieval e gótico, e da mesma maneira os que se encontram na obra de Thomas Sibilet (3), pelos quais Marot é igualado a Teócrito e a Píndaro e oferecido à admiração dos seus contemporâneos.

Fique para nós assente que Marot foi um dos primeiros poetas que nos princípios do século XVI se encantaram na leitura dos poetas latinos e os verteram em francês, e que ele se prendeu por esse lado ao renascimento das letras, difundido na Europa com o favor dos sábios e dos príncipes.

*
* *
*

TRADUÇÕES LATINAS DE CL. MAROT

De autores latinos clássicos

De *Virgílio*: Primeira égloga (1512).

Quarta égloga (1544).

De *Ovidio*: Metamorfoses (livros I e II, 1530).

De *Marcial*: Epigramas.

(1) Etienne Pasquier, *Recherches de la France*, VII, 6.

(2) Grupo de escritores da escola do Renascimento, organizado no Colégio de Coqueret. Nele figuravam Dorat, Du Bellay, Ronsard e Baif.

(3) *Art poétique pour l'instruction des jeunes studiens et encor peu avancez en la poesie françoise* (1548).

De autores neolatinos

De *Erasmus*: Colóquios:

Abbatis et erudita.

Virgo.

De *Beroaldo*: Les tristes vers de Beroalde sur le jour du vendredy saint.

De *Salmónio*: Epigrama.

Dois epigramas sem indicação de autor.

De latim litúrgico

Pseaumes de David (1539). Dedicados ao «muito cristão rei Francisco I».

Em textos de traduções latinas se apoiou Cl. Marot para traduzir poemas de Luciano e a história de Leandro e Hero.

ALFREDO DE CARVALHO